

# A Organização do Trabalho Rural

---

EDGARD DE VASCONCELOS

Passemos do campo das idéias para o terreno dos fatos

- I -

A reforma dos nossos métodos de produção não é cousa que se opere com simples palavras em programas de governo, ou em discursos demagógicos. Esta reforma está antes dependendo, mais de fatos que de palavras. Muito já se tem dito a respeito do nosso baixo nível de produção agrária. A cada momento, os que se dizem conhecedores da economia rural ferem o assunto, procurando pôr em relêvo a diferença do nível de produção de nossas fazendas, comparado ao das propriedades argentinas, uruguaias e ianquis. Por êsse motivo já não deve restar a menor dúvida de que é bastante deficitária a nossa produção rural. Disso têm conhecimento perfeito todos os brasileiros esclarecidos, e principalmente aqueles que possuem nas mãos uma parcela de responsabilidade, na administração do País. Portanto, a única cousa que nos falta para conjurar esta situação de extremas dificuldades para as nossas propriedades rurais, é sair-mos do campo abstrato das idéias para penetrarmos o terreno concreto dos fatos. Mas, infelizmente, esta mudança radical de atitudes não é cousa que se possa operar também com golpes de prestidigitação. O feito temperamental da nossa gente, forjado na velha tradição da cultura latina, é uma força poderosíssima a arrastar-nos constantemente para o campo da dialética e das discussões teóricas, em que, muitas vezes, os discutidores se esquecem até de que têm os pés sobre a terra. Sem o querermos, no exame de nossas questões somos frequentemente arrastados a essa *atitude intelectual*, tão nociva às vezes, ao resultado prático de nossas iniciativas. É por isso que grande número de nossos planos de governo têm falhado lamentavelmente na



na prática. No plano teórico, são impecáveis pelo rigor da lógica. Mas ao passarem do campo das idéias para o terreno dos fatos, de pronto, se evidenciam os seus defeitos. No intuito de remediá-los, aplicam-se todos os meios de ajustamentos, e o resultado é que ficam tão desfigurados e tão outros, que melhor fora não os haver traçado, previamente, sem consulta antecipada aos fatos a que se destinavam.

E' precisamente, neste ponto, que a sociologia nos mostra a grande diferença social de comportamento dos americanos do norte e dos americanos do sul. Os primeiros têm «a mania dos inquéritos, das *pesquisas diretas*, da consulta aos fatos, antes de fazerem qualquer afirmação no campo abstrato das idéias; os últimos, ao contrário, preferem o jogo floral das idéias, dos raciocínios sutis, para depois voltarem as suas vistas à terra e à realidade material que os cerca. Por esse motivo, puderam os americanos do norte, aproveitando os grandes cabedais da sua natureza, construir a maior civilização material que até hoje o mundo viu, ao passo que povos sul americanos notadamente os brasileiros, com uma natureza não menos pródiga e não menos dádiosa, permaneceram à margem desse ritmo acelerado de *desenvolvimento material*. E se, na realidade, nos aprofundarmos no estudo dessas diferenças tão grandes, entre a civilização dos dois povos, no fundo, vamos encontrar, apenas como justificativa, a grande dissimilitude que ambos guardam em suas *atitudes mentais*.

Acostumado aos «punhos de renda», o brasileiro tem preferido o *trabalho de gabinete à pesquisa do campo*. Ao invés de *contar, pesar e medir*, prefere filosofar, isto é, descobrir idéias, capazes de explicar a necessidade dos números, a razão dos pesos e o emprêgo adequado das medidas. Com isso, construímos uma civilização de idéias aparatosas, sem uma estrutura sólida, na realidade dos fatos. Fugimos deliberadamente ao contato da terra que tantas cousas nos sugere para nos entregarmos, tão somente, às nossas próprias idéias. Diz o grande sociólogo americano Edward A. Ross que «os povos nascidos nos trópicos se acostumam desde cedo, a esperar demais da Natureza, que lhes faça uma boa parte do trabalho». Com isso, embotam-se as iniciativas, e perdem eles o senso da realidade, passando a encarar a natureza, como simples objeto de contemplação e nada mais.

A natureza luxuriante dos trópicos supre o homem, pelo menos nos primórdios de sua civilização, dos recursos necessários à sua própria subsistência. A princípio a vida



lhe transcorre simples, e poucas são as necessidades que o solicitam, obrigando-o ao trabalho. Os recursos da terra são grandes: a vegetação abundante, os rios enormes e piscosos, as florestas espessas e povoadas de animais. Tudo de que ele necessita para vida lhe vem quase que naturalmente às mãos. Não é necessário grande esforço para transformar em utilidade aquilo que faz parte da sua vida. Por isso o homem «deixa-se viver», esperando que a natureza faça por ele aquilo que em outros povos constitui o resultado de esforços inauditos por parte de outro homem. Dessa situação decorre, em parte, o comodismo que nos leva à vida contemplativa.

Por outro lado, o calor inervante dos trópicos, acelerando a fadiga dos músculos do homem, diminui sensivelmente a sua produção, isto é, a sua capacidade de trabalho. Por isso o seu progresso material, é mais lento, fazendo-se através de etapas sucessivas, com aquela morosidade cronométrica, que se observa em todas as suas construções materiais. Em contraste, porém, com essa lentidão dos músculos, o espírito do homem dos trópicos é lépido, de compreensão vertiginosa. Daí a razão por que, no terreno das idéias, tem revelado muito maior desenvolvimento do que no campo das realizações materiais. Mais acostumado a *pensar* do que *fazer*, para tudo encontra uma solução teórica, embora na prática, nem sempre esta solução pareça a melhor.

De tudo isso se colhe, como dissemos linhas acima, que não é muito fácil mudar a atitude mental do nosso homem, com relação à maneira de solucionar os problemas da terra. Para isso, seria preciso um trabalho sistemático, que deveria começar no lar, onde os pais obrigassem, desde cedo, os filhos *ao trabalho*, procurando inculcá-lhes no espírito *o amor à terra e às suas riquezas*, como potencial a ser aproveitado e transformado em utilidade à nossa existência. Em uma palavra, precisaríamos educar novamente o nosso povo dentro de um *critério objetivo* de vida.

Posto não seja tão fácil mudar, de um momento para outro, o feitio temperamental, ou a atitude mental de nossa gente, com relação à maneira de encarar os nossos problemas sociais, contudo já é tempo de deixarmos o terreno das indagações abstratas para penetrarmos no campo das pesquisas diretas. Os fatos aí estão, em toda parte, desafiando o nosso esforço e fornecendo-nos material precioso de estudo. Urge, pois, que aproveitemos a nossa capacidade realizadora no exame objetivo da realidade, para que, daqui por diante, os nossos planos de trabalho sejam uma respos-



ta fiel às necessidades do nosso ambiente, e não uma consequência de simples *concepções teóricas* acerca dos problemas, que tanto nos preocupam.

Entre estes problemas, existe um que está a exigir de nós solução imediata: *o da organização do trabalho rural*. O nosso baixo nível de produção agrária, tão denunciado por economistas e sociólogos, tem como causa fundamental a tremenda desordem, que, por toda parte, se nota, nos trabalhos das fazendas brasileiras. Um exame direto dos fatos, neste setor da realidade, tem-nos revelado estes dois aspectos impressionantes do problema.

1. Em alguns lugares, o trabalho rural ainda não se acha, convenientemente organizado.
2. Em outros, este mesmo trabalho se encontra profundamente desorganizado.

Desse modo, a solução do problema impõe ao pesquisador social dois gêneros distintos de pesquisas. No primeiro caso, impõe-se-lhe um exame direto das regiões em que esse trabalho não foi ainda convenientemente estudado, para que dessa consulta à realidade resulte um perfeito ajustamento entre as possibilidades do ambiente e a forma de trabalho, adequado ao aproveitamento integral de todos os seus recursos. Nesta pesquisa, ou antes neste estudo, deverá ser levado em conta, sobretudo, o exame dos seguintes fatores: a) *estrutura geográfica das áreas*, compreendendo um estudo, tanto quanto possível perfeito, do seu relevo; b) composição físico-química do solo e sua classificação, conforme maior ou menor grau de acidez; c) estudo da vegetação, peculiar a cada uma dessas regiões. Pelo conhecimento de todas essas condições, poderíamos fazer o que já se faz há tanto tempo nos Estados Unidos da América do Norte, isto é, uma classificação de nossas terras de acordo com o gênero de produção mais apropriado a cada uma delas. De posse porém desses conhecimentos da estrutura física de cada uma de nossas áreas geográficas, cumpre-nos ainda completar a tarefa por uma orientação segura do trabalhador, a qual deverá consistir no seu treinamento metódico e racional com os instrumentos a serem utilizados por ele, em seu trabalho quotidiano. A par de tudo isso, outras noções lhe poderiam ser ministradas, através de um serviço inteligente de *extensão agrícola*, com a recomendação das práticas mais adequadas à sua região, ou das culturas que a ela mais facilmente se adaptassem. Neste trabalho educativo do homem rural, feito através de demonstrações, poder-



se-ia, não só ensinar-lhe a maneira mais conveniente de usar os instrumentos de trabalho, mas também de aproveitar o seu esforço no sentido de obter uma produção melhor e mais abundante. Neste ponto, precisamente, é que lhe deveriam ser ministrados conhecimentos seguros sobre seleção e melhoramento dos rebanhos, pela utilização de bons reprodutores, isto é, de espécimens raciais com perfeitas condições de adaptabilidade a cada uma das regiões criadoras do País. Com isso, inúmeros esforços seriam poupados e grandes canseiras evitadas. Pois em geral, o nosso camponês se esfalta o ano inteiro, num trabalho extenuante, para obter produção minguada, apenas porque ignora estas noções que a ciência agrícola de hoje coloca ao alcance de qualquer indivíduo.

Sem conhecer os processos de restituição à terra da fertilidade que se perde com os cultivos feitos em anos sucessivos, vai o nosso homem rural, derrubando as suas matas, numa imprevidência chinesa, à medida que as áreas cultivadas com péssimas sementes se tornam sáfaras e improdutivas. Vendendo «terras velhas» e comprando «novas terras», passa ele uma grande parte de sua vida, exgotando-se num esforço inútil, quando, na realidade, tudo isso se poderá evitar com um simples conhecimento sobre a maneira de aproveitar os recursos e os esforços expendidos em favor da produção.

Bem sabemos que semelhante organização não se consegue de um momento para outro, nem tão pouco com quaisquer elementos. E' preciso preparar, para isso, um corpo de pesquisadores especializados. Nos Estados Unidos da América do Norte, os elementos empenhados no *serviço de extensão agrícola* são, em geral, especialistas formados em escolas de agricultura ou de *sociologia rural*. Daí a razão por que tem sido vertiginoso o progresso alcançado por aquele grande povo, no terreno de suas atividades rurais. A par das agências de difusão de cultura, disseminadas por todos os recantos daquela grande nação, todo ano as inúmeras escolas de agricultura e de sociologia rural, aumentam o exército dos pesquisadores americanos, formando moços especializados em questões rurais. Quantias fabulosas são gastas, anualmente, pelo governo ianqui, no problema de educação social do povo, notadamente do povo rural, que tem a responsabilidade de fornecer a matéria prima para as suas grandes indústrias. A atividade febril dos campos norteamericanos, onde as máquinas agrícolas sauízam de muito o esforço do homem, é, portanto, uma consequência lógica do trabalho admirável desse exército de



pesquisadores, que tem a seu cargo a *organização do trabalho rural* e o melhoramento da vida das populações campestres.

Portanto para organizarmos o nosso trabalho rural, urge que procuremos formar primeiramente este exército de pesquisadores, com uma nova mentalidade e com uma outra visão dos nossos problemas sociais. E isso só se tornará possível quando pudermos multiplicar, por todas as regiões as nossas escolas de agricultura, ainda em número reduzidíssimo, quando consideramos as grandes necessidades do nosso país com tendências pronunciadamente agrícolas. Por outro lado, urge que se criem, também, as nossas escolas de sociologia rural, a exemplo das que possuem os americanos do norte. Com auxílio de agrônomos especializados e de sociólogos interessados em assuntos rurais, facilmente se poderá obter então o ideal de organização, sonhado por muitos de nossos patrícios ilustres.

No intuito de concorrer, desde já, para a formação desse exército de pesquisadores, vem a nossa Escola educando os seus alunos dentro desse novo espírito de compreensão das nossas realidades, inculcando-lhes o amor pelo estudo direto das condições da terra e dos problemas que afetam o desenvolvimento da nossa produção rural. E' certo que o nosso esforço, neste sentido, ainda não chega a tornar-se bastante evidente aos olhos do povo. Mas, amanhã, quando se estudar a história das transformações introduzidas na técnica de nossa vida rural, uma bôa parte das glórias caberá por certo à nossa Escola, que, com a sua «Semana dos Fazendeiros» e com a orientação prática do seu ensino, muito terá contribuído para o progresso material do País. Portanto, para a organização do trabalho rural, nas áreas em que não se acha êle ainda convenientemente organizado, urge que tomemos, previamente, todas essas providências, sem o que será inútil qualquer esforço e improfícuo qualquer empreendimento, neste sentido. Em estudos, subsequentes, analisaremos os meios adequados à reorganização do trabalho, nas áreas em que êle se encontra profundamente desorganizado.